

UMA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA *A CATHOLIC COLLEGE OF PHILOSOPHY*

MALOMAR LUND EDELWEISS*

*Foi Professor e o primeiro Diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas.

Resumo: Aula inaugural proferida na sessão solene de instalação da Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas em 27 de abril de 1953.

Palavras-chave: Faculdade. Católica. Filosofia.

Abstract: Inaugural lecture delivered at the solemn session of the establishment of the Catholic College of Philosophy of Pelotas on April 27, 1953.

Keywords: College. Catholic. Philosophy.

Reúnem-se, hoje aqui, três conceitos perfeitamente definidos que nos situam fora daquela categoria de que fala Chesterton, a dos homens que perderam o próprio endereço. Não somos indivíduos vagos sem domicílio ideológico. Poderíamos, no máximo, pertencer àquele grupo de errantes redimidos que encontraram, afinal, em-pós de exaustivas peripécias, o quintal da própria casa e ora se comprazem na alegria da paz doméstica.

Achamo-nos estruturados dentro de um sistema por igual afastado da inflexibilidade materialista e vermelha do aço dos Urais, e da inconsistência vacilante e incolor da gelatina relativista.

Não prostituímos a castidade da inteligência no bordel de João Paulo Sartre e, positivamente,

nos recusamos de baixar ao hospital filosófico de Augusto Comte.

Não cremos nas divinas perfeições da matéria, na existência sem finalidade do homem, na verdade volúvel que é mentira nem numa evolução de estados da humanidade que, filosofando, nega o valor do conhecimento filosófico mas, por meio de uma filosofia perene, chegamos à certeza de uma Verdade Imutável e, por isso, nosso apelativo não é rótulo de apresentação mercantil, mas um nome que, como todo nome, exprime essência e qualidade do objeto percebido verazmente pela inteligência.

Somos: Uma Faculdade Católica de Filosofia. E é da análise desses termos que lhe atingiremos a função e o escopo.

1 SOMOS FACULDADE

O étimo nos adverte da origem latina que exprime facilidade e, conseqüentemente, abundância, provisão de meios, aptidões, poder, direito de fazer alguma coisa segundo o próprio beneplácito. É assim que dizemos possuírem, certos animais, a faculdade de locomoção, os pássaros a de voar, o ímã a de atrair o ferro, e ainda nos referimos aos bens de fortuna ou do espírito com as expressões: a faculdade de se fazer compreender, as faculdades intelectuais, pagar segundo as próprias faculdades.

Da facilidade de se obter, em organismos especiais, os conhecimentos relativos a certas disciplinas, levou-se, por transposição, a nomear por Faculdade o próprio organismo onde esses estudos eram efetuados.

Apenas quatro eram as faculdades reconhecidas como tais, porque outros tantos eram os ramos principais do saber humano, quando a ânsia de aprender agitou as populações moças da Idade Média e deu nascimento às Universidades. Facilitava-se, havia meios, em cidades privilegiadas, de estudar Teologia, Filosofia, Direito e Medicina (ou Física) nas Faculdades que tinham a designação correspondente e que encerravam, em seu complexo quadripartido, a totalidade, a universalidade, a universidade do saber então conhecido.

É este conceito, o de Universidade, que merece acentuação peculiar para que se compreenda o que constitui a alma dominante em uma escola superior que se proponha a formar cabeças bem feitas antes do que cabeças bem cheias.

Em sua medula viva, a universidade é não só a *universitas magistrorum et scholarum*, a reunião de professores e disciplinas, mas também a *universitas studentium*, a totalidade dos que estudam, dos que se aplicam é este o sentido etimológico ao labor do amanhã intelectual. Nela, tudo conspira para a universidade.

O que é um império na história política, diz Newman, é a Universidade no domínio da Cultura. A Universidade é a protetora suprema de todo o saber e de toda a ciência, de fatos e de

princípios, de pesquisas e descobertas, de experimentação e de reflexão. Ela não colocará, unilateralmente, em primeiro plano, qualquer domínio especial, por mais importante e nobre que seja... Seu fim imediato é: garantir a cada domínio o posto que lhe compete segundo uma ordem superior e, nessa ordem, deixar trabalhar em todos os domínios e segundo os métodos inventados pela inteligência humana... consiste sua função especial em assegurar a universidade na pluralidade (*The Idea of a University*).

Para não trair o fim primeiro de sua existência, é de mister uma faculdade possua intimamente o sentido unitário, universitário de orientação.

A esse respeito, a última conferência internacional de ensino superior realizada antes da guerra, em Paris, nos abre, em seus relatórios, desalentadoras constatações. Esta é a voz do representante de Praga:

É perfeitamente verdadeiro que os antigos métodos pedagógicos não são suficientes. A Conferência o viu em consagrando a primeira sessão de trabalho ao estudo da unidade do ensino superior. Mas, para dizer a verdade, perdemos essa ideia moral e científica da unidade desde a Idade Média. Os debates das primeiras reuniões demonstraram que não há mais unidade neste mundo; há, somente, uma grande diversidade de opiniões... Outrora, a Universidade era o conjunto dos professores e das disciplinas, hoje ela não é mais que o conjunto de um número cada vez maior de cadeiras. Esta multiplicidade de matérias desconstruídas e variedade de métodos científicos não são mais de natureza a facilitar a formação do indivíduo nem o estabelecimento, tão desejado, da comunhão entre professores e estudantes. Constatamos este fato amargo ao qual Nietzsche aludiu a declara que Copérnico, tirando ao homem a ilusão de estar no centro do mundo, tinha-o desajustado para sempre. É, pois, necessário buscar outra unidade. Ela será encontrada na ideia da filosofia transcendental...

Em primeiro lugar, para nos orientarmos na

pesquisa científica necessitamos de uma filosofia de valores. Não uma filosofia puramente formal, mas uma filosofia que contenha substância real. Creio que, enquanto não tivermos essa concepção de uma estrutura de valores, não possuiremos ideia diretriz e continuaremos a tatear na obscuridade... (E. Otto; págs. 84-5).

A razão é óbvia, é evidente. O homem é um ser hierarquizado cuja finalidade terrena imediata é o desenvolvimento harmônico de todas as suas virtualidades. O homem não é um tudo mais não é tampouco um nada. É o que é. Um misto participante do Tudo por Quem foi feito e do Nada de onde foi tirado. Desconhecê-lo, em qualquer dos seus dois princípios, é destruí-lo. Honestamente, o educador, a Universidade ou Faculdade que o pretenda formar, não pode fazê-lo mais do que isso, mas também não pode negar-lhe nada disso. E, assim sendo, tem a obrigação grave de orientar-se para a cultura unificada, uni-versitária.

Também no reino da inteligência o cosmos se opõe ao caos e as estradas devem correr a um ponto único no infinito para não perder-se, desencontradas e discordantes, a uma amurada intransponível ou às bordas de um vórtice.

Perfectível do berço ao túmulo, no itinerário mais ou menos longo da vida, o homem se instrui, educa e cultiva. Simultaneamente, não em três fases distintas porque não é máquina formada de peças mas corpo informado por uma alma. Educa-se ao mesmo tempo em que se instrui. Cultiva-se ao mesmo tempo em que se instrui e educa.

Cultivar o solo é fazê-lo produzir o que, de si mesmo, não teria dado.

À terra selvagem se opõe a terra culta; à produção espontânea, a cultura ordenada que colima um fim. No homem, a cultura não é simples educação que se exterioriza nas boas maneiras nem o mero adquirir do saber, porque nem todo saber é culto. Seria preciso repetir o que disseram a Max Scheler: culto é aquele de quem não se observa que estudou, se estudou, nem que não estudou, se não estudou. Somente

quando ao acervo de conhecimentos se apuser o selo do equilíbrio e da madureza, poderemos deixar de falar em erudição para falar em cultura. O narrador de Ulisses nos diz que ele sabia. Não lera muito, mas tinha visto os homens e as coisas. Esse conhecimento das coisas e dos homens não se encontra nos livros. Mas os livros podem ajudar a achá-lo, e os mestres nos ajudam a encontrar os livros que nos servirão de guias no contato com os outros homens e as coisas. O mais belo do espírito universitário de uma Faculdade embora não esteja ela presa ao cordão umbilical de uma universidade-mãe é o encontro ativo de professores, alunos e livros. Há uma só classe, a dos colaboradores, um só objetivo, o de formar homens. A interjeição do velho Shakespeare, nas páginas do seu trágico Hamleto. Um homem, coisa maravilhosa ainda nos extasia e inquieta, diante da verdade gritante do seu eco. E, a não ser que nos fixemos numa concepção mais ou menos bovina do ser humano, não podemos deixar de admirar tanto mais a este quanto mais a racionalidade superar o animal e o convívio consciente substituir o instinto gregário do mamífero.

Difícil é ser homem, adverte-nos o mesmo Scheler. Raro, muito raro é que um homem (como indivíduo de uma espécie biológica) seja, ao mesmo tempo, homem no sentido da ideia de humanitas... Estudai os animais, costume dizer a meus discípulos, e vos dareis conta do difícil que é ser homem.

Essa dificuldade, tão magistralmente posta em evidência, nos não exime do dever, e antes nos aguilhoa, a procurar, no clima de uma faculdade católica de filosofia, as condições ecológicas favoráveis ao vicejar dessa planta delicada e prestimosa que é o bom espírito de entendimento universitário.

Sentimo-nos libertados daquela multi-versidade anárquica que vitima. Deixamos o cérebro em seu devido lugar, acima do estômago, dos membros, do tronco inteiro e, reconhecendo como indispensável o harmonioso equilíbrio entre o físico e o psíquico, damos ao intelecto

a primazia sobre os músculos e preferimos ao culto do corpo o culto da inteligência. Mas não somos idólatras e não transformamos esse culto, humano, prudente, e subordinado ele próprio a valores mais altos, em uma religião da intelectualidade.

O que, por força de lei, constitui uma Faculdade de Filosofia é, na verdade, uma faculdade múltipla, composta de cursos diversos, em si mesmos completamente independentes, principalmente em considerando as secções diversificadas: línguas, ciências, filosofia. Compararemos o curso de Neo-latinas e o de Geografia e História: a não ser o uso do vernáculo como veículo de entendimento oral entre os professores e alunos, nada existe em comum. E o aluno de grego, das línguas clássicas, nada mais verá da cadeira de Antropologia e Etnografia que os radicais helênicos de que o nome se compõe. Mas seria engano continuar nessa urdidura de raciocínio e não ver no conjunto dos cursos mais que a justaposição incomunicável de ciências estanques. A coluna vertebral dessa escola superior polivalente é o curso de Filosofia que empresta o nome ao conjunto.

Os estudos filosóficos não pretendem substituir-se às ciências chamadas de observação e às ciências exatas. Mas, por sua própria natureza, lhes são orientadores seja pelas regras da lógica que lhes disciplina a formação dos conceitos, o nexos dos juízos e o desenvolver do raciocínio na indução ou dedução sistemáticas, seja porque todas as ciências tratam, imprescindivelmente do ser em particular, e a filosofia tem como objeto precípuo desvendar o mistério supremo do ser. É na cabeceira do ser que se encontram o sábio e o filósofo: um a considerar as causas próximas dos fenômenos que atingem o ente, o outro a considerar as causas últimas que regem o próprio ser. Mas há um momento em que filósofo e sábio se confundirão num só indivíduo: o instante em que o homem se considerar a si próprio como ser contingente e finito, que teve um princípio e terá forçosamente um fim.

Ao filósofo, ao cientista e ao poliglota, do ponto de vista meramente biológico e social, a

vida se apresenta na situação desesperadora de uma pirâmide que, teimosamente, porfiasse em equilibrar-se sobre o vértice. O desagradável da vida vem precisamente dessa situação de penosa instabilidade que se reparte em quinhão comum a todos os mortais, e obriga a compreender que é inútil procurar o sossego perfeito numa existência puramente terrena. Foi filósofo o primeiro homem que, superadas as exigências de um estômago faminto, no fugitivo intervalo das vísceras saciadas, cogitou sobre o enigma do próprio ser. A elucubração filosófica só foi possível quando o ócio substituiu o negócio. Paradoxo: na própria quietude de quem contempla e raciocina, surgiu a inquietação.

Nem todos os problemas da filosofia se reduzem à cata de uma concepção da vida. Mas todos eles lá terminam, porque, no indagar as primeiras causas, o homem é forçado a buscar, por debaixo da areia movediça das transformações aparentes, o chão de uma realidade firme. Eis o objeto da Filosofia: inquirir especulativamente a natureza íntima do ser e, em consonância com a realidade descoberta, fixar-lhe o comportamento prático; comportamento fatal no ser inanimado, comportamento consciente no ser intelectual.

É o ser na sua totalidade, na sua complexidade ou simplicidade, o que interessa à filosofia – enquanto é uno, bom e verdadeiro. Mas é particularmente sob o ângulo da verdade que vem se encastrar nas preocupações intelectuais do homem. Uma faculdade de filosofia é, imperiosamente, uma escola cuja função é uma função da Verdade. É verdadeiro todo o ser no sentido de que é capaz de ser conhecido, isto é, apreendido pelo intelecto. Mas a inteligência só será verdadeira quando tiver captado o mundo circunjacente conforme a realidade objetiva em que é. Noutros termos, o homem só estará de acordo com a verdade quando a própria inteligência se conformar a essa objetividade real. E a verdade, a realidade das coisas, é indivisível, e, por isso mesmo, impecável. O erro e a mentira não estão no ser, que é uno, mas no intelecto discursivo cuja penúria é ajuizar fragmentariamente.

O homem se instrui e educa para a vida que se desenrola ao contato imediato dos demais seres contingentes que o cercam. Dotado de corpo palpavelmente material, roçando-se diuturnamente com objetos inegavelmente materiais, o homem adapta-se ao convívio epidérmico dos objetos familiares. Daí o se compreender que lhe possa ser indiferente a existência ou inexistência de alguns seres individuais, de mais uma ou menos uma pedra, de uma montanha ou de um buldogue.

Toda a atitude do homem para com o homem e do homem para com as coisas depende, intrinsecamente, da visão que ele tiver do ser. Se o semelhante não passa de um bípede aperfeiçoado, o seu pão cotidiano não difere notavelmente da ração de farelo ministrada ao quadrúpede. E terá razão quem achar inútil perda de tempo rezar ao Pai que está nos céus.

Diante disso, é-nos agora possível entender com clareza a queixa do representante tcheco-eslovaco na assembleia dos reitores de universidade. Perdeu-se a unidade de estudos, perdeu-se a unidade de cultura, se é que pode haver cultura digna deste nome sem unidade, porque se perdeu a noção do ser. O conceito de ser é analógico, o que quer dizer, não se aplica a todos de maneira idêntica. A essência de um torrão de argila não é a de uma planta, nem a desta é a de um animal ou a de um homem. Cada uma dessas realidades é de modo diferente, mas todas elas são e nisto coincidem em que são todas: Ser. A filosofia de valores, provida de substância real, que se pedia para orientar a pesquisa científica, nada mais é que a filosofia do ser, e a estrutura que se lhe postulava se fundamenta na hierarquia interna, gradativa, de dentro do próprio conceito de ser.

Somente nesta base, porque é, de modo diferente, intrínseco o homem se sobreporá ao quadrúpede necessariamente, e se legitima uma estrutura hierárquica de valores porque existe, realmente, uma hierarquia de seres. Pode assumir-se qualquer linha de conduta, seja para a pesquisa intelectual, seja para a vida prática, por se achar que é engenhosa ou cômoda. Mas ela só resistirá ao embate corrosivo do tem-

po não se for cômoda, mas se for válida, não por ser engenhosa, mas se for verdadeira. A força da verdade não está em ser lógica, mas em ser ontológica. Também o erro pode ser lógico e, em geral, o é. Uma atitude, um raciocínio pode ser logicamente perfeito e ontologicamente falso como é perfeitamente lógico mas ontologicamente falso o agitador político assassinar quem quer que seja, até os próprios companheiros de quarto, como único meio de implantar um regime que repugna à maioria de um povo. Não é o ser que deve adaptar-se à inteligência, mas a inteligência que deve conformar-se ao ser. Não é possível perpetrar impunemente violência intelectual contra aquilo que é. A verdade é eminentemente livre, e o pensamento não é um dique que possa aprisioná-la deformando-a ou desviando-a do curso por longo tempo. A própria existência de um Ser Supremo só é admissível, porque exigida, também, não por mero imperativo lógico, mas por absoluta e ontológica necessidade. No exame objetivo do conteúdo do conceito de ser, é possível encontrar aquela unidade de conduta e hierarquia de valores indispensável à proficiência do estudo superior. E, por isso, dizíamos, de início, não havermos, ainda, esquecido o endereço da própria moradia, porque não perdemos a noção do ser. Nem do ser criado e contingente, nem do Ser Incriado, Necessário e Absoluto.

É certo que a Filosofia não é nem tem religião. É um ápice que se situa por sobre as colinas das ciências naturais mas aquém da abóbada sobrenatural. Em sentido estrito e exato, não existe uma filosofia cristã como não existe uma química cristã ou budista. Porque o ser, sob o puro aspecto de ser, não tem batismo. A filosofia não parte dos dados da revelação, mas dos dados da razão. Não é uma crença mas uma ciência, não é uma fé, que apresenta proposições sempre impenetráveis à razão, mas um concatenado de verdades transparentes ao raciocínio. O ser não muda de essência se estudado por um pagão ou um cristão como não mudaria se estudado por um hotentote ou um brasileiro. Um instituto bem pode chamar-se Faculdade Católica de Filosofia, mas só muito impropriamente

se chamaria Faculdade de Filosofia Católica.

Mas o ser também não muda de essência se, à análise escrutadora do filósofo, revelar aspectos que se aproximam ou acordam a verdades conhecidas, em primeira mão, por vias extra-rationais. Nem tampouco mudará, se essas mesmas verdades tão só esporeiem e auxiliem a razão a que ele seja descoberto mais profunda e extensamente. Em todas as ciências pode haver elementos exteriores a elas, que exercem uma ação como que catalítica, justificável e justificada, adjuvando-as sem neles se imiscuir. A maçã de Newton, diz graciosamente Noel, não constitui a exposição técnica da gravitação universal mas, sem a maçã de Newton, a gravitação não teria sido descoberta. A exatidão dessa lei física sustenta-se em sua elaboração rigidamente científica independentemente daquele mesmo elemento sem o qual jamais existira. E ninguém pretende ilegítima ou comprometedora essa intervenção fecundante desde que se respeitem os métodos próprios da ciência ajudada.

Enquanto a filosofia se mantiver o que é, a ciência do ser pelas últimas causas e frisamos à luz da razão, os elementos de que se serve como adminículo exterior não lhe comprometem a integridade científica, porque tudo é joeirado ao crivo do raciocínio e de seus primeiros princípios. E a inteligência afeita à indagação filosófica não estranhará se, contra a paixão e a consciência falsificada, a razão lhe impuser,

com lucidez, a existência de outra ordem de coisas além daquelas cuja evidência entra pela porta dos sentidos. Ciência do ser, de todo o ser, a filosofia o será também do Ser Sobrenatural, desde o instante em que Este se mostrar que é. Ela ocupa posição especialíssima e não é comparável à Matemática ou à Física, ou a outro ramo. Tratam, essas, de facetas unilaterais do ser, da quantidade, das transformações transitórias, etc. Tratando do ser enquanto é, a filosofia, que é racional, deve contar não só com a possibilidade de um Ser Absoluto mas ser capaz de determinar-lhe com certeza a existência e submeter-se, então, às decorrências do achado. Inda mais. Como ciência humana, é finita e poderia ver-se-lhe impostas fronteiras que começariam lá onde encontrasse e devesse reconhecer, sempre racionalmente, a existência de uma verdade surpreendente que, se não a contradiz, a supera. A esfera das ciências naturais termina e às vezes a esquecem lá onde começa a Filosofia, e o raio de ação desta se dilui na linha divisória da Fé. Eis sua limitação. Mas, no mesmo instante em que deve curvar-se, sabe que o não faz cegamente. Eis sua grandeza. A própria Fé é uma asserção de Agostinho é um obséquio racional! É filosofando, ainda, que a filosofia reconhece que, num momento dado, deve deixar de filosofar.

Para concluir, basta enfeixarmos novamente os elementos esparsos e o tentaremos em ordem inversa à de partida.

2 DIREMOS QUE NOSSA FACULDADE É, ACIMA DE TUDO, CATÓLICA

Rege-se pelos princípios cristãos, de cuja prática é possível discordar, mas cuja perfeição é impossível desconhecer.

Obra de homens e para homens, a sublimidade do ideal e o calor do entusiasmo constante de todos não serão jamais suficientes para eliminar a ganga que acompanha toda joia: as falhas, resíduo pessoal negativo que se não deve aos princípios professados mas à debilidade do indivíduo. É o lastro morto de uma natureza de-

caída que vai procurar na Graça o corretivo de sua incompletude.

Mas paira, acima de tudo, o empenho da caridade, vínculo da união, da caridade que é paciente e é benigna sem nada roubar à justiça, a essa justiça que não dá esmolas mas reconhece direitos, inclusive o de discordar quando a opinião é livre. Daquela caridade, enfim, que não alça inimizades fraticidas em que há, apenas, compreensível diversidade de pensamento.

3 SOMOS FACULDADE DE FILOSOFIA

Sentimo-nos mergulhados na realidade hierarquizada do ser. E se, de uma parte, reconhecemos limites superiores nos termos aliás bem modestos em que o raciocínio no-los impõe de outra, somos permeáveis a todos os valores legítimos que venham enriquecer o patrimônio das aquisições já feitas.

Para a sã filosofia, o critério de aceitação não é a anciania ou novidade, mas a verdade de uma ideia. E quando se justificar filosoficamente o trânsito, ela não hesitará em subir do conceito do verbo mental do ser ao Verbo que se fez carne e habitou entre nós: a inquietação filosófica se sobrepujará na quietude da prece.

4 E SOMOS, SIMPLEMENTE, FACULDADE

Na classificação legal, uma escola de nível superior em que, desde o vestibulo, se exige o indumento modesto mas sólido de preparo intelectual correspondente.

Habitarão em companhia, por alguns anos, mestres e condiscípulos, melhor, os estudiosos de maior com os de menor tirocínio. Os que ocupam a cátedra registrarão as qualidades dos que se assentam nos bancos e esses, em compensação, descobrirão as deficiências dos que ocupam o púlpito. Pode crer-se em bons mestres, mas deve crer-se, muito mais, em bons alunos. É indiscutível, em toda empresa humana, e mais ainda em um estabelecimento de ensino, o efeito da boa orientação. Muito mais maravilhoso, porém, é o efeito da boa vontade. É somente do conúbio desses dois

elementos que poderemos ver consumada no futuro oxalá frequentemente a mais desejável das ingratidões e a única que se perdoa: a dos discípulos que superam os mestres.

A orientação de nossa Faculdade não mudará: nem a filosófica objetivamente válida para o homem nem a prática, que se estriba na seriedade de estudos, porque crê na seriedade da vida. Resta-nos, pois, inferir que o que sobeja e é muito fica entregue à boa vontade de todos quantos compõem a Faculdade Católica de Filosofia neste primeiro ano de vida.

Assiste-nos a certeza do sucesso, porque temos presente a verdade enunciada por Sófocles, em sua Antígona: Muitas coisas são admiráveis, mas nada é mais admirável que o homem, e acrescentamos, exceto Aquele que fez o homem.